

Só exportação não basta

Caracas — A delegação brasileira à Conferência Financeira de Caracas declarou que a recuperação econômica dos países industrializados dificilmente conseguirá fazer com que a América Latina se recupere de sua crise atual. A reunião discute a crise financeira e comercial da América Latina e do Caribe, com ênfase para o problema da dívida externa, por convocação da Organização dos Estados Americanos.

A delegação brasileira expressou dúvida de que a recuperação da demanda pelas exportações da região, nos mercados dos países industrializados, seja suficientemente rápida e maciça "para constituir-se numa fonte de alívio substancial às dificuldades atuais".

Entre essas dificuldades foi destacado que a região deve destinar ao pagamento do serviço de sua dívida externa a metade de suas divisas obtidas com as exportações. A dívida regional, de 330 bilhões de dólares — 90 bilhões correspondem ao Brasil — fechou as fontes de financiamento para o desenvolvimento, pois 80 por cento do endividamento feito em 1982 foram para pagar velhas dívidas.

Durante a Conferência de Caracas, o Brasil destacou que o crescimento acelerado dos países latino-americanos obrigou-os a recorrer ao endividamento externo como "única alternativa" para seguir satisfazendo suas ne-

cessidades de desenvolvimento. Porém — segundo a delegação brasileira — a América Latina foi surpreendida pelo recrudescimento das medidas protecionistas nos países importadores, com grande impacto sobre as exportações e a balança de pagamentos da região.

A delegação brasileira destacou a alta dos juros no último quinquênio é que "não existem indícios claros de uma sustentada tendência decrescente nas taxas de juros e tampouco indicações de que a redução observada (nessas taxas) seja suficiente para constituir-se em um alívio significativo da situação atual de endividamento".

Para o Brasil, é necessário encontrar "soluções duradouras para os problemas financeiros, que transcendam aquelas a curto prazo que até agora surgiram e que não abordam o problema de fundo".

A América Latina propôs que os EUA e a Europa Ocidental derubem suas barreiras protecionistas e financiem a importação dos produtos que a região e o Mundo, em geral, podem vender.

Uma boa parte da solução dos problemas econômicos da América Latina poderia estar no incremento do comércio entre os próprios países da região, opinou ontem, numa entrevista coletiva, Mailson Ferreira da Nóbrega, funcionário do Ministério da Fazenda e chefe da delegação à Con-

ferência sobre o Financiamento Externo, que se realiza em Caracas, promovida pelo Conselho Econômico e Social da OEA.

Nóbrega também rebateu a ideia de que a solução para o problema da dívida externa brasileira esteja numa moratória. "Quem defende a tese da moratória não sabe o que aconteceria com o comércio exterior, o enorme impacto que seria sofrido pelas atividades comerciais", declarou. Quanto à ideia de ser criado um clube de devedores, para resolver em conjunto o problema da dívida externa, também foi contra. "E um sistema que não convém aos países latino-americanos", disse.

Nóbrega afirmou que as negociações do Brasil com o Fundo Monetário Internacional já se encontram numa fase final e que, ao que tudo indica, sairá disso "um acordo satisfatório". O funcionário destacou o combate à inflação como um esforço prioritário e que merece todos os esforços. "Com índices altos de inflação, não há estímulo nem segurança para investimentos", declarou, dizendo que o Brasil pretende reduzir o seu índice para 55 por cento.

Respondendo a uma pergunta, Nóbrega negou que os Estados Unidos tivessem assumido uma posição muito dura na reunião de Caracas. "pelo contrário", disse, "os norte-americanos demonstraram uma disposição muito séria para o diálogo".